

## O ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM NO ROMANCE *AZUL-CORVO*

Érica Alves Rossi<sup>1</sup>

Sérgio Ricardo Oliveira Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo faz uma análise do romance *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, a partir da categoria narrativa de espaço e seu engendramento na construção da personagem Evangelina. A obra aborda a questão dos movimentos migratórios de maneira subjetiva, ao acompanhar a trajetória de uma adolescente criada no Rio de Janeiro que se muda para os Estados Unidos em busca do pai. Com objetivo de dialogar com as diferentes ciências, além de valer-se de estudos provenientes do campo literário, como as classificações do espaço elaboradas por Osman Lins (1976) e das discussões acerca da ficção contemporânea de Karl Erik Schollhammer (2009), buscou-se compreender como a construção da personagem protagonista e dos conceitos de território, territorialidade e de lugar, à luz da Geografia Humanista, são arquitetados no romance.

**Palavras-chave:** Adriana Lisboa; espaço; identidade.

### SETTING AND CONSTRUCTION OF CHARACTER IN THE NOVEL *AZUL-CORVO*

**ABSTRACT:** This article analyzes the novel *Azul-Corvo* (2010), by Adriana Lisboa, based on the study of the space and its relation in the construction of the character Evangelina. The book deals with the issue of migratory movements in a subjective way, following a trajectory of a teenage girl raised in Rio de Janeiro who moves to The United States looking for father. In order to dialogue with the different sciences, in addition to studies from the literary field, such as the setting classifications elaborated by Osman Lins (1976) and the discussions about Schollhammer's contemporary fiction (2009), the aim was to understand how the construction of the character and the concepts of territory, territoriality and place, in the light of Humanist Geography, are architected in the novel.

**Keywords:** Adriana Lisboa; setting; identity.

### INTRODUÇÃO

*Azul-corvo* é um romance de Adriana Lisboa, publicado em 2010, onze anos após o

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários, área de Letras, pela UFMS - Três Lagoas. Mestre em Estudos Literários, área de Letras, pela UNESP - Araraquara. Professora EBTT, regime de Dedicção Exclusiva, do IFSP - Birigui. MS, Brasil. erica\_a\_rossi@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), Núcleo Tecnológico de Estudos dos Impactos da Mineração (NEIM), em Santo Amaro da Purificação. BA, BRASIL. sergio.martins@ufms.br

aparecimento de seu livro de estreia. É uma obra que trata da questão do pertencimento que se dá a partir do engendramento de espaço e identidade, (re)construída através do resgate da memória de algumas das personagens. Narrado em 1ª pessoa, a partir da perspectiva de uma adolescente de treze anos que acabara de perder a mãe, o romance trata das peripécias de Evangelina, que decide deixar o Brasil e procurar a identidade de seu pai biológico nos Estados Unidos. Para isso, conta com a ajuda de Fernando, ex-guerrilheiro do Araguaia e também ex-marido de sua mãe que, distante do seu passado bélico, vive o cotidiano de um segurança de biblioteca, esporadicamente também faxineiro, no Colorado. A partir do resgate da memória de outras personagens, Vanja – como é chamada por diversas vezes a garota – vai construindo sua própria história, na qual o espaço ganha especial destaque.

O presente trabalho visa analisar a obra a partir da categoria do espaço utilizando, para isso, estudos acerca da produção ficcional brasileira, de trabalhos na área da literatura que tratem do espaço e em especial de estudos da Geografia Humanista que relacionam espaço e identidade.

### **PALAVRAS DA CRÍTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA E O MOVIMENTO LITERÁRIO INSERIDO**

Pensar a literatura produzida nas últimas décadas não é tarefa fácil. Dentre tantas adversidades, podemos citar a proximidade temporal entre as obras publicadas e a própria crítica feita a elas, num contexto em que o escritor e o crítico literário se desdobram para sentir e entender o tempo em que vivem. Em seu livro *Ficção brasileira contemporânea*, Karl Erik Schollhammer (2009) aceita o desafio de pensar e classificar a literatura produzida nas últimas décadas, sem, contudo, manter-se imune ao confronto de opiniões vigentes na universidade e na mídia. O referido livro servirá como parâmetro para pensar o momento literário brasileiro e também a obra da escritora em evidência, sem a pretensão, obviamente, de entender suas considerações como incontestáveis, mas como a eleger um parâmetro de discussão teórica que, embora tendo suas reflexões questionadas por alguns estudiosos, não deixam de ser reconhecidas por sua importância e pertinência no cenário nacional.

Schollhammer inicia pondo em questionamento a própria definição de contemporaneidade. Dentre os diversos teóricos que convida à discussão em seu texto, cita Barthes ao dizer que o contemporâneo, devido a uma diferença, uma defasagem ou

anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Seguindo tal raciocínio, a literatura contemporânea não seria necessariamente aquela que representa a atualidade, o que, no entanto, não dizima seu fascínio pelos efeitos de “presença”:

O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente. [...] Daí perceberam na literatura um caminho para se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura. Uma das sugestões dessa exposição é a de que exista uma demanda de realismo na literatura brasileira hoje que deve ser entendida a partir de uma consciência dessa dificuldade. Essa demanda não se expressa apenas no retomo às formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 11).

O autor destaca que a crítica, de modo geral, ressalta com insistência tais efeitos de presença nas produções atuais, “visível no imediatismo de seu próprio processo criativo e na ansiedade de articular e de intervir sobre uma realidade presente conturbada”. Dentre as características ressaltadas, estão: a recorrência aos minicontos, as estruturas complexas e fragmentadas, o crescente hibridismo entre a escrita literária e a não literária e certa intuição de uma impossibilidade de intervir e recuperar a aliança com a atualidade “e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14).

Para Schollhammer, essa demanda de presença, para alguns escritores, como Marcelino Freire, se evidencia na perspectiva de reinvenção do realismo; enquanto que para outros – e neste ponto cita Adriana Lisboa – “evocar e lidar com a presença torna-se sinônimo de consciência subjetiva e de uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, o estofo material da vida ordinária em seus detalhes mínimos” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15). O próprio autor, no entanto, salienta que não se deve reduzir a produção contemporânea ao contraste de duas estéticas literárias e que um dos grandes traços da contemporaneidade é a convivência pacífica dos mais diversos estilos, não havendo, parece, espaço para a existência de novos cânones, mas, em contrapartida, com o fomento do mercado editorial, cresceu a figura “espetacular” do autor e também do objeto livro.

No que diz respeito à Adriana Lisboa, Schollhammer reconhece no centro de sua criatividade o diálogo com a literatura, filiando-a a uma série de escritores – cujo mestre é Jorge Luis Borges – que trazem para a ficção o próprio ato da escrita, dialogando com outras literaturas, outros livros, numa atenção autoconsciente da natureza construtiva da ficção. De acordo com o crítico, a obra de Adriana Lisboa tem sido vista como o contrapeso à ficção predominante na década de 1990, impregnada do neonaturalismo. “A escrita de Lisboa deposita sua esperança na sensibilidade delicada dos pormenores do universo doméstico, alimentada por uma certa erudição literária e com referências constantes à música erudita e às artes plásticas” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 135). O crítico reconhece a competência artesanal e a densidade descritiva da autora, assim como certa sofisticação no domínio da linguagem, mas diz faltar-lhe espontaneidade:

Neste sentido, aquilo que aparenta sensibilidade e simplicidade feminina muitas vezes chega ao leitor como um bordado domesticado [...] A atenção descritiva da autora nunca se abre a uma verdadeira vulnerabilidade, não se descontrola e nunca se rende à intensidade perturbadora da loucura que um contato visceral com o real implica (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 139).

Algumas das questões levantadas por Schollhammer podem ser encontradas em *Azul-corvo*. O hibridismo entre o literário e o não literário, com a inserção da realidade histórica brasileira, está aqui presente. No referido romance, por meio das lembranças de Fernando, ex-guerrilheiro do Araguaia, Adriana Lisboa aborda o período de lutas na região Norte do Brasil. Em entrevista à revista *Isto É Gente*, Adriana foi questionada em relação ao interesse de retratar a Guerrilha:

Era um assunto que me instigava desde adolescente, justamente por ser um tema evitado. Na escola, a Guerrilha no Araguaia era tratada *en passant*. Quando pensei no Fernando como exilado, como alguém que saiu do Brasil tão desgostoso a ponto de nunca mais voltar, a ditadura foi a primeira coisa que me veio à cabeça, e o fato de ser um ex-guerrilheiro me pareceu inédito (LISBOA in ITIBERO, 2016).

Sente-se certa ruptura com a linguagem encontrada nos demais trechos do livro, o que confere tom factual aos relatos, ao mesmo tempo em que se quebra certo ritmo impresso pela narração em 1ª pessoa, conduzida por uma jovem. Ainda que essa realidade histórica seja requerida, o universo da narrativa é do subjetivo. É por meio do relato de experiência que ela

se dá, numa ânsia de reconstruir a história de uma adolescente em busca de sua identidade. O tom autobiográfico também se faz presente. A experiência de Adriana como imigrante é automaticamente retomada na obra, haja vista que a autora vive justamente no Estado americano do Colorado em que Vanja vai também experimentar suas descobertas. Ela, no entanto, faz questão de assinalar as divergências: “Sua experiência [de Vanja] como estrangeira é completamente diferente da minha. Então, as coisas se comunicam em um certo sentido e, em outro, não. O barato da ficção é poder sair de si mesmo e entrar na pele do outro” (LISBOA *in* ITIBERO, 2016). Outro aspecto que busca dialogar com a realidade, mas que apresenta o que há de mais corriqueiro e banal é o retrato de Copacabana criado pela narradora e seu contraste com Lakewood. Os olhos subjetivos de uma criança conduzem à reconstrução do espaço com uma riqueza de detalhes que fascina o leitor. A literatura que se autorreferencia, também aspecto ressaltado por Schollhammer, está presente desde a escolha do título do livro. Adriana Lisboa entrega-nos a riqueza de sua escolha na mesma entrevista:

Um dos poemas de Marianne Moore me sugeriu o título. Depois, certas coisas no romance se encaixaram em torno dele. Os corvos são uma marca do lugar e há conchas da cor dos corvos no mar de Copacabana. São dois símbolos que fazem a ponte afetiva de Vanja entre um ponto e outro. Fala-se também dos corvos da ditadura, e o fato de o corvo andar ou não em bando, dependendo da espécie, reflete como os personagens se relacionam. O título faz uma costura sutil do romance (LISBOA *in* ITIBERO, 2016).

É relevante também observar o trecho em que a narradora apresenta-nos a autoconsciência da natureza construtiva da ficção ao rememorar o relato da mãe sobre fatos históricos. A partir de uma analogia que empreende com os relatos pela mãe, experiência que, portanto, não é sua, a narradora desvela o processo narrativo de sua identidade que se constrói especialmente a partir de fragmentos de memória do Outro. Ao referir-se às coisas que a mãe lhe contara sobre a própria infância, ela reflete:

[...] Não me lembro de todas. Lembro-me daquela noite, do vento fresco e da minha pele quente, lembro-me da cor da lata de cerveja, lembro-me do céu e das estrelas sobre a Barra do Jucu e das fotos que não vi na revista Life e do pronunciamento que não ouvi Nixon fazer. Mas de todo modo, entre as coisas de que a gente se lembra e das que não se lembra, entre as que conhece e as que desconhece, é preciso tapar os buracos da memória com a estopa de que dispõe. E talvez qualquer tentativa de conhecer o outro seja sempre isso, nossas mãos moldando tridimensionalidades, nosso desejo e incompetência montando um álbum de colagens para fazer levantar dali um

morto, um amigo, um amante misterioso que quando clareia o dia vai para a janela e fica contemplando o nada, sem dizer uma palavra. Um filho por demais arredio, um professor lacônico, um colega de trabalho sem senso de humor, que olha sério dentro dos nossos olhos quando contamos uma piada irresistível. As pessoas que desconhecemos ou estranhamos. Todas as pessoas (LISBOA, 2010, p. 129).

## O ESPAÇO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Apresentado um panorama da obra e da autora, assim como seu diálogo com a ficção brasileira contemporânea, partiremos para a análise da caracterização do espaço, em busca de percorrer o processo construtivo identitário de Evangelina na obra em estudo. Iniciaremos levantando alguns aspectos discutidos por Osman Lins, em seu livro *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976). Em seguida, com o intuito de estabelecer um diálogo com conceitos cunhados pela Geografia Humanista - que nos parecem bastante pertinentes à análise do referido livro – a obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, do chinês Yu-fu Tuan (1980), será usada como arcabouço teórico.

Antonio Dimas, em *Espaço e romance* (1987), alerta-nos para certas concepções equivocadas de estudo do espaço que buscam identificar no real a descrição espacial do texto, nomeando-a como estudo literário, quando, na verdade, seria apenas uma função apendicular, de legendar uma composição visual. O autor salienta que apesar da forte adesão do romance brasileiro ao espaçamento, seja urbano, rural ou selvático, a nossa crítica pouca atenção tem dedicado ao assunto, o que tornaria dificultosa a tarefa de organizar um repertório bibliográfico extenso e sistemático. Com o intuito de introduzir o assunto, Dimas pincela ideias de diferentes estudiosos sobre o espaço e atribui especial relevância à publicação de Osman Lins, na qual mescla, juntamente com o estudo das obras de Lima Barreto, alguns capítulos teóricos sobre a categoria narrativa.

No livro em destaque, Lins (1976), já de antemão, alerta-nos para o fato de a narrativa ser um objeto compacto e inextricável e que o espaço no romance tem sido “tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com sua individualidade tendendo para zero” (LINS, 1976, p. 72). Ao discutir sobre o espaço romanesco e a ambientação, Osman Lins (1976, p. 83) versa sobre os artifícios do prosador ao sistematizar processos descritivos para não criar hiatos entre descrição e narração, tornando verossímeis as interrupções. Uma das técnicas é a

ambientação dissimulada ou oblíqua, característica das narrativas em 1ª pessoa. Tal ambientação exige uma personagem ativa, que tem como sua identificação o enlace entre o espaço e a ação. Os atos das personagens vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos. É o que ocorre no romance em estudo. Durante toda a narrativa, a personagem protagonista dá-se a conhecer, ou mais, constrói-se por meio da disposição do espaço que apresenta. A própria trama desenrola-se a partir da mudança do espaço: é a imigração para os Estados Unidos e todas as descobertas que isso implica o estopim da narrativa.

Uma passagem, logo no início do romance, que ilustra a construção do espaço a partir da ação da personagem é a que descreve as impressões de Vanja sobre o povo americano, em sua primeira visita a uma piscina pública:

Na piscina, emergi ao lado de um homem bonito, com cordas grossas de músculos enrolados nos braços duros, e olhei de perto e percebi que ele tinha cílios louros. Eu não sabia que existiam pessoas de cílios louros [...] Afundei de novo e abri os olhos lá embaixo e vi uma multidão de pernas de vários formatos, tamanhos, tonalidades e espessuras. Tentáculos de um leviantã de águas cloradas, oscilando para cá, para lá, sem critérios nem sincronia (LISBOA, 2010, p. 13).

A referência a uma criatura mitológica de grandes proporções, que habita o imaginário dos navegantes europeus na Idade Média e que se atualiza no imaginário moderno pela figura do Monstro do Lago Ness, é emblemática para a construção das experiências iniciais de uma adolescente que se vê impelida a encarar a complexidade de uma nova cultura e de um novo espaço.

Dentro do contexto narrativo, especialmente marcado pelo deslocamento da personagem de um espaço a outro, o que implica perda e conseqüente engendramento de novos laços de pertencimento, a discussão sobre os conceitos de território, de territorialidade e de lugar, assim como de topofilia, tornam-se pertinentes e bastante elucidativos. Analisando o romance de Adriana Lisboa, nota-se, imbricada na narrativa, a clareza de tais concepções, ilustrando, de modo envolvente, essa nova vivência da protagonista.

Como principal fonte teórica de nosso estudo, utilizaremos o livro de Yu-Fu Tuan (1980), que discute, a partir de elementos como percepção, atitudes e valores do meio ambiente, a topofilia, ou seja, o modo como o elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente se dá. Logo no segundo capítulo, Tuan trata dos sentidos como meios de o ser humano responder

ao mundo. Dentre eles, a visão destaca-se como o sentido que mais se desenvolveu ao longo de nossa história, sendo a ferramenta de maior importância na nossa percepção do meio ambiente. Somos predominantemente animais visuais. No entanto, a criança preserva sua percepção do mundo ainda muito tomada pelos demais sentidos.

É difícil para um adulto recapturar a perdida vividez das impressões sensoriais (exceto ocasionalmente) como a frescura de uma cena após a chuva, a fragrância penetrante do café antes do desjejum [...] Uma criança, de cerca de sete ou oito anos até os treze, catorze vive a maior parte do tempo neste mundo vivido. Ao contrário do infante que está aprendendo a andar, a criança mais velha não fica presa aos objetos mais próximos nem aos arredores; ela é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. [...] Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta para o mundo (LISBOA, 2010, p. 38).

Adriana Lisboa explora de forma brilhante tais aspectos da acuidade infantil em *Azul-corvo*. As lembranças de Evangelina, de seus momentos em Copacabana quando criança, traduzem-se em imagens sinestésicas que transportam o leitor ao universo litorâneo, típico da Cidade Maravilhosa:

Não tenho, claro, memórias da minha primeira infância em Albuquerque. Quando recuo no tempo, a sensação é de ter nascido no Rio de Janeiro. Mais especificamente, na praia de Copacabana – ali mesmo, sobre a areia, entre os pombos e o lixo que os frequentadores da praia deixavam para trás. Penso em Copacabana. Fecho os olhos e mesmo que eu escute *Acoustic Arabia* e tenha acendido um incenso japonês destinado a templos zen-budistas, o que chega aos sentidos, via memória, é um cheiro vago de maresia, um gosto vago de picolé de fruta misturado com areia e água do mar. E o ruído das ondas fervendo na areia, e a voz do vendedor de picolé sob o sol úmido do Rio. Lembro-me da luz, dos meus dedos cavando túneis e construindo castelos na areia molhada, pacientemente. Havia outras crianças ao redor, mas éramos cada uma o começo, o meio e o fim de nosso universo particular. [...]

E lá adiante havia um horizonte sobre o qual eu não pensava. A faixa imaginária onde o céu e o mar se dividiam, líquido para um lado, não líquido para o outro. Uma espécie de abstrato concreto (LISBOA, 2010, p. 28-29).

Tem-se, então, uma gama de sensações que traduzem a experiência da criança com o espaço, repleto de cores, sons, sabores e odores que muito nos deleitam, mas que, às vezes, nos deprimem, como é o caso do lixo espalhado pelos turistas. Sensações comumente

contraditórias suscitadas pela realidade carioca.

Outro aspecto que organiza a apresentação do espaço e a construção de sentidos e laços de pertencimento são as oposições binárias: “A mente humana parece estar adaptada para organizar os fenômenos não só em segmentos, como para arranjá-los em pares opostos” (TUAN, 1980, p. 18). Adolescente em plena explosão dos sentidos, Vanja está a todo o momento apresentando-nos e vivendo o novo lugar a partir do resgate do já conhecido. Lakewood constrói-se frente aos nossos olhos contrastada pela experiência de Copacabana. O recato, a gravidade e a suposta elegância que reconhece na vestimenta e nos movimentos das pessoas na piscina em terra estrangeira contrastam com a informalidade, a espontaneidade e vulgaridade em terras tupiniquins:

Antes, em Copacabana, havia: biquínis minúsculos. Bundas de fora. Uma ou outra mulher passando água oxigenada nas pernas para alourar os pelos. Dependendo do ponto, muitas crianças. Dependendo do ponto, algumas prostitutas. Corpos musculosos correndo sob o sol, corpos flácidos correndo sob o sol. Sungas apertadas delineando o saco dos homens e revelando para que lado ficava o pênis. [...] Agora, em Lakewood, havia: biquínis e maiôs grandes em tecidos que às vezes formavam papadas na bunda. Homens de bermuda. Na beira da piscina, pessoas comendo hambúrguer e batata frita e bebendo cerveja e refrigerante em copos king size de papel. O tamanho das coisas me surpreendia (LISBOA, 2010, p.13-14).

Adriana Lisboa, nesse trecho, mostra-se bastante proficiente na arte da expressão. Recursos semelhantes ganham, ao longo do texto, significados distintos. O paralelismo sintático nas construções que descrevem o cenário em Lakewood e Copacabana aproxima os diferentes espaços, ao mesmo tempo em que reforça ainda mais seus contrastes. O mesmo recurso reiterativo, agora disposto na descrição dos corpos correndo sob o sol na praia carioca, ganha uma indistinção latente: corpos musculosos ou flácidos, todos têm seu lugar ao sol nas praias cariocas. A escolha também pelo assíndeto no penúltimo período transcrito, marcado pela recorrência da conjunção aditiva “e”, torna-se significativo na construção de uma imagem carregada pelo excesso que antes fora marcado pelas dimensões dos trajes de banho. É comparando-se com o Outro que Angelina passa a compreender sua própria identidade.

A construção dos cenários e das reflexões por pares de opostos é recorrente no que tange ao clima e à natureza, valendo-se, em alguns momentos, de figuras que metaforizam a construção da identidade em relação a esses elementos. A barata torna-se um rico exemplo

desse processo. Título do primeiro capítulo do livro (periplaneta americana), o distinto comportamento do inseto nos diferentes espaços dará margem para se criar uma relação metafórica com a transformação do indivíduo, numa alusão divertida à metamorfose, de Franz Kafka:

Barata americana: Periplaneta americana. Li certa vez que elas têm a capacidade de se autorregenerar, dependendo da gravidade da injúria. Eu as conhecia intimamente, de convívio e de fama (as únicas capazes de sobreviver a uma hecatombe nuclear etc.), de encontros-surpresa na cozinha e no hall do elevador de serviço. Em Copacabana, elas estavam em toda parte. Mas ali eu não via baratas. Era até possível que elas existissem, e conseguissem tolerar a constante falta de umidade e a seriedade do inverno, quando fosse inverno. Mas eram bem discretas. [...]

Eu tinha treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, num país que não era meu, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções e das intenções (todas elas muito boas), minha.

Os nós dos dedos ficavam esbranquiçados, querendo rachar. Era estranho. Eu parecia me transformar progressivamente em outra coisa, como se estivesse passando por uma lenta mutação.[...] Mais de uma vez pensei, durante os primeiros meses, que aquele não era um lugar feito para os seres humanos; não mais do que as baratas. E no entanto viviam ali, numa queda de braço com o lugar, muito antes das minas de ouro e prata do século dezenove. Muito antes do Buffalo Bill (LISBOA, 2010, P. 11-12).

Reconhecer que, a despeito de sua primeira impressão, o espaço aparentemente inóspito passe a ser possível, redireciona o olhar da narradora, que entende aí um pouco mais o modo de vida do Outro. Tuan (1980, p. 34), ao discutir o etnocentrismo, assinala que como a consciência fica no indivíduo, é inevitável uma estruturação egocêntrica do mundo: “O egocentrismo é o hábito de ordenar o mundo de modo que os seus componentes diminuam rapidamente de valor longe do self”. A dificuldade de enxergar o Outro nesse jogo de espelhos também surge na discussão do lado oposto. Como imigrante num país de imigrantes, Evangelina descreve a angústia dos brasileiros por não serem reconhecidos em sua singularidade, sendo enquadrados, assim como tantos outros povos, como hispânicos.

No entanto, ao mesmo tempo em que compreendemos o mundo a partir de oposições binárias, também somos capazes de reorganizá-lo a partir de uma visão concêntrica. “[...] a mente humana está preparada para organizar as entidades em pares antinômicos e procurar seu meio termo; etnocentrismo e arranjo concêntrico do espaço emotivo são traços entre os homens” (TUAN, 1980, p. 148):

Era o tempo de eu me remodelar, quem sabe eu também tinha (devia ter) aquele interior mole e albino de inseto entre um e outro esqueletos externos. Era preciso pegar aquela gosma e, depois de ter conseguido protegê-la da fulminante piedade alheia, moldá-la agora e algum formato com o qual eu me identifique (LISBOA, 2010, p. 78).

O narrador que conta uma história cuja protagonista é alguém que deixa o seu país não pode furtar-se a considerar questões como a conquista de um novo território e as novas relações afetivas estabelecidas com outros indivíduos e também com o novo espaço. *Azul-corvo* conta a história de uma adolescente de treze anos que, após a morte de sua mãe, decide deixar o país em que foi criada para aventurar-se em seu país de origem à procura de um pai que não conhece. A escolha voluntária dessa nova condição é simbolizada pela mala que prepara para a viagem, desapegada de objetos que normalmente representariam a resistência de se desvencilhar de sua história.

Tuan (1980, p. 114) ressalta que os pertences de uma pessoa são a extensão de sua personalidade, especialmente no que diz respeito às suas vestimentas. No transcurso do tempo, uma pessoa investe parte da sua vida emocional em seu lar e, além de seu lar, no seu bairro. Evangelina, na cena em que narra a preparação de sua mala, única, mostra-se disposta a desvencilhar-se de seus laços afetivos à procura de novos: seus livros, deixa-os; tênis, leva apenas um par, e os mais confortáveis; brincos, apenas um de quatro pares existentes; roupas, o mínimo; e um sapato, que foi obrigada a levar, mas que jamais calçou.

Ainda que desejosa pela nova condição, deixar um lugar em busca de outro exigirá o estabelecimento de uma série de novas relações que mudarão completamente sua vida: será preciso conquistar um novo território. Souza e Pedon (2007, p. 127) destacam que o conceito de território deve ser entendido não somente enquanto relações de poder, mas também enquanto apropriação resultante do imaginário e/ou da identidade social e cultural. O território é *locus* de vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno com os outros homens, tendo a identidade como fator de aglutinação, de mobilização para a ação coletiva. No primeiro capítulo do livro, a narradora relata os confrontos iniciais da adolescente com o novo espaço. Ainda que alojada na casa de Fernando, tal ambiente ainda não é seu território, pois não é fonte de vivências significativas: “Em geral, eu não fazia muita coisa naqueles primeiros dias no Colorado. Olhava pela janela, para a rua, e a rua me olhava de volta, sem interesse. Ambas bocejávamos. Eu evitava me olhar no espelho” (LISBOA, 2010, p. 20).

A recusa em se olhar no espelho denota a sensação de deslocamento vivida pela personagem. Ainda sem uma vivência efetiva de experiências, o próprio espaço parece repeli-la. Por despeito, ignora, a princípio, a necessidade de interação: “Lakewood, Colorado. Um lugar estranho. Mas eu não me incomodava com a sua estranheza, porque aquele subúrbio de Denver era, para mim, um mero utilitário” (LISBOA, 2010, p. 18). Ela, no entanto, vai aos poucos desbravando o entorno, inicialmente apoderando-se da natureza, para então, interagir com as pessoas. Um par de patins usados aparece e Evangelina, um quarteirão a mais por dia, vai alargando seu círculo de influência. Mas é somente dezenas de páginas depois, ao viver sua primeira experiência com a neve, que a garota passa a fortalecer seus vínculos com o espaço e com as pessoas. Munida de um trenó arranjado por Fernando e equipada com a indumentária necessária para enfrentar o inverno rigoroso, Evangelina e seu vizinho e amigo Carlos entregam-se à brincadeira com as demais crianças: “Eu abri a boca na descida e engoli neve suficiente para promover uma espécie de autobatismo. Dali em diante eu era um deles” (LISBOA, 2010, p.138).

Souza e Pedon (2007, p. 135) assinalam que identidade territorial não é algo dado, é sempre processo, que se processa por meio da comunicação com outros atores, em situações de diálogo e confronto. A territorialidade seria a expressão deste processo no cotidiano dos atores sociais:

A apropriação de um determinado espaço constitui-se a partir do momento em que o indivíduo ou grupo o representa para si e para os outros. Enquanto espaço da ação, o território passa a ser a mediação entre dois indivíduos ou grupos. É uma relação triangular, pois a relação com o território é uma relação mediadora da relação entre os sujeitos sociais (SOUZA; PEDON, 2007, p.137).

No capítulo intitulado *Ursus arctos horribilis*, Evangelina reflete profundamente sobre as transformações que sua mudança ao Colorado lhe causou: uma perda inicial da referência territorial e uma situação um tanto flutuante por não se sentir completamente pertencente ao novo espaço: “Depois que você passa tempo demais longe de casa, vira uma interseção entre dois conjuntos, como naqueles desenhos que fazemos na escola. Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles”. Narra o clássico esforço dos imigrantes em assemelham-se com os nativos, as suas peripécias linguísticas e, em uma certa altura de seu discurso, lança: “Depois percebi que a vida fora de casa é uma vida possível. Uma vida

entre as muitas vidas possíveis” (LISBOA, 2010, p. 72). A partir daí, quando o espaço parece ter passado a representar para si, são relatadas uma série de fatos que vão dar corpo à sua territorialidade: “Eu me virei na escola, na primeira semana, tentando ser *cool*. E por algum motivo as pessoas decidiram me achar *cool*” (p.74); “Certa vez fui com Aditi a um torneio de debate” (LISBOA, 2010, p. 75); “Uma semana depois entrei para o time de *ultimate*, um esporte que eu nem desconfiava que podia existir, mas para o qual revelei um talento surpreendente” (LISBOA, 2010, p.76); “Eu tinha uma pilha de livros em inglês na minha mesa de cabeceira [...] Eu lia ferozmente, como atleta treinando em época de olimpíada e ia extraindo dessas experiências a argamassa para aquele novo esqueleto externo. Também assistia à tevê ferozmente” (LISBOA, 2010, p.78).

Fernanda Cristina de Paula (2011, p. 109), em artigo sobre territorialidade, assinala que o conceito diz respeito à dimensão vivida na medida em que denota fatores que acontecem nas relações mais diretas entre as pessoas e o espaço, como as relações de trabalho, familiares, comunitárias e de consumo. Nota-se, por meio dos trechos destacados, o processo de apropriação do espaço e sua mediação entre Vanja e outras personagens, conquistando para si, relações autênticas de interação. Em várias outras passagens, narra-se o processo de aproximação entre a garota e Fernando, entre ela e Carlos, de maneira a construir laços genuínos de afetividade.

Evangelina vai construindo, assim, seu lugar: “O lugar é a porção do espaço que o indivíduo e/ou grupo vivencia. [...] no lugar os ritmos espaço-temporais, as lógicas socioespaciais internas são conhecidas intimamente, os indivíduos tanto as conhecem quanto participam delas, as vivem” (PAULA, 2011, p.118). Nas últimas páginas da narrativa, Evangelina apresenta-nos o seu lugar:

A casa de Fernando na Jay Street em Lakewood, Colorado, foi aos poucos se tornando a minha casa também, por hábito. Por costume, por osmose. Os invernos tornaram-se meus invernos e os verões, os meus verões [...]

Faz pouco mais de um ano que Carlos atravessou a rua e veio morar nesta casa, porque ele havia prometido não sair do Colorado e não sair de perto de mim[...] Ainda não voltou a El Salvador. De vez em quando ele me pede o carro emprestado e vai para as montanhas, como qualquer nativo, íntimo da terra, do clima e suas guinadas, lamentando muito a avalanche que matou os dois turistas incautos [...]

Nessa mesma festa em que Nick me beijou, eu estava um pouco antes com um grupo de outras três garotas da escola, e num dado momento fui ajeitar o colar de uma delas, e disse acho que fica melhor assim, e ela me disse não preciso de informações da América do Sul. Lembro-me da sua voz. Doce e

precisa, sua voz-bisturi. *I don't need information from South America* [...] Tenho um trabalho na biblioteca pública de Denver – mas não como segurança. [...] Não sou de falar muito. Mas as pessoas já não ouvem sotaque quando eu falo. (LISBOA, 2010, p.215-218).

Os espaços, dessa maneira, foram conquistados: o da casa, o do entorno, o da escola. Além da inserção profissional, outra conquista nos parece bastante significativa: Evangelina deixa de ser exótica aos olhos do nativo; as relações de amizade se firmam pela pessoa que ela é.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adriana Lisboa vem se destacando no cenário da ficção brasileira contemporânea. Senhora de um expressivo número de publicações e traduzida para uma série de outras línguas, suas obras conquistaram espaço de respeito no contexto atual literário. Seu romance *Azul-corvo* dialoga com um dos fenômenos cada vez mais comuns no mundo moderno, fenômeno que a própria autora por mais de uma vez enfrentou: a imigração. Ainda que impelida por motivos diferentes dos habituais, a protagonista do romance viverá todos os desafios de um estrangeiro até encontrar novamente seu lugar no mundo. Mesmo assim, dirá em certa altura da narrativa: “Num belo dia eu me dei conta de que não tinha importância o país onde eu estava. Outras coisas tinham importância. Não essas” (LISBOA, 2010, p.215). Vanja cruza o Atlântico em busca de laços sanguíneos, mas acaba por perceber que o amor e a identidade é algo que se constrói, livre de fronteiras. Por meio do resgate da memória de terceiros, a garota arquiteta sua própria história, e o encontro com Daniel, que a princípio parece ter grande importância, ocupa poucas linhas. É o espaço desejado, falsamente desdenhado e finalmente conquistado que propicia tão valiosas experiências. Os estudos geográficos mostraram-se um grande aliado na compreensão do texto literário, ampliando nossas perspectivas e reconhecendo que as ciências dialogam. “Somos todos estrangeiros/ nesta cidade/ neste corpo que acorda”. A epígrafe do livro aponta-nos para a viagem existencial de cada um.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987.

ITIBERO, Suzana. Adriana Lisboa. Entrevista concedida à Revista eletrônica *Isto É Gente*. Acesso em 22 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/580/artigo189292-1.htm>.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre a dimensão vivida e a contribuição da fenomenologia. *Revista GeoTextos*, v. 7, n. 1, p. 105-126, jul. 2011.

SCHOLLAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUZA Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. Território e Identidade. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. Três Lagoas-MS, ano 4, v. 1, n. 6, p.126-148, nov. 2007.

TUAN, Yu-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

---

Recebido em: 22/11/2017.

Aceito em: 06/04/2017.